



valorfito® @tual

Juntos por amor à terra.

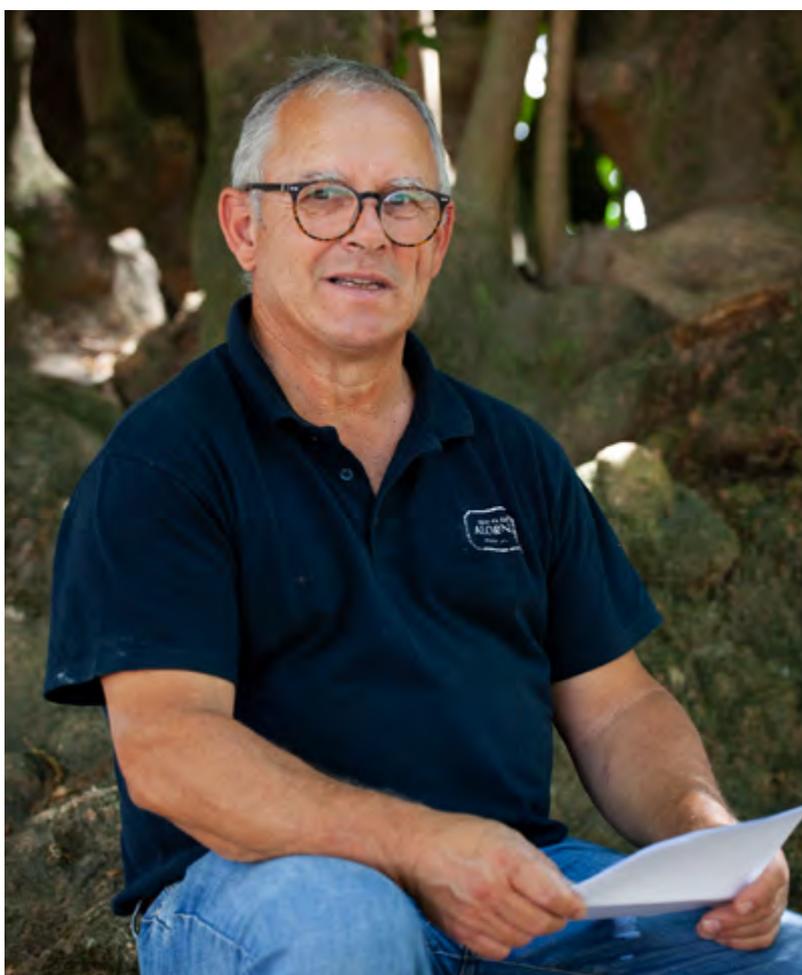
Nº 44 // abril 2025

AGRICULTOR RECICLADOR

“A sustentabilidade é uma realidade na Quinta da Alorna há muitos anos”

QUINTA DA
ALORNA

SINCE 1723



Localizada em Almeirim, a Quinta da Alorna é uma das propriedades mais antigas de Portugal. A exploração produz cereais, hortícolas, batata, ervilha, vinho e conta ainda com 1600 hectares dedicados à atividade florestal. Pedro Mascarenhas, Diretor Agrícola da Quinta da Alorna, revela que, graças às tecnologias de precisão e às boas práticas agrícolas, a Quinta da Alorna está a conseguir uma gestão cada vez mais eficiente dos recursos naturais como o solo e a água.

“Tem sido bastante útil adotar um pouco das ideias da agricultura regenerativa na nossa quinta”, afirma Pedro Mascarenhas, Diretor Agrícola da Quinta da Alorna

Que práticas adota a Quinta da Alorna para ser mais sustentável?

Pedro Mascarenhas: A sustentabilidade é uma realidade na Quinta da Alorna há muitos anos e em sentido lato. Nos anos 60, foram construídos bairros para os nossos trabalhadores e alguns ainda hoje trabalham na nossa empresa e vivem nesses bairros. Quanto à sustentabilidade ambiental, posso partilhar que, em 2007, fizemos um estudo para conhecermos o sequestro de carbono da nossa exploração, numa altura em que este tema era ainda muito pouco falado.

Em termos de práticas agrícolas, há muitos anos que fazemos rotação de culturas nos hortícolas, nomeadamente, na batata, cenoura e ervilha, de forma a não esgotarmos os nutrientes do solo. Tentamos não repetir as culturas no mesmo solo pelo menos durante quatro anos. Nas culturas do milho e do trigo, como são produzidas em zonas de aluvião onde não é possível cultivar batata e cenoura, fazemos rotação com trigos para a panificação e trigos melhoradores que têm um valor acrescentado um pouco maior. Tem sido bastante útil adotar um pouco das ideias da agricultura regenerativa na nossa quinta. É muito difícil conseguirmos atingir teor de matéria orgânica elevado porque temos temperaturas muito altas no Verão e há uma mineralização muito rápida da matéria orgânica, mas procuramos, pelo menos, que a matéria orgânica não se degrade e conservar a estrutura do solo para podermos cultivar as nossas culturas.

O vinho é o produto mais conhecido da Quinta da Alorna. No caso da viticultura que práticas mais amigas do ambiente adotam?

Para a conservação dos solos, apostamos no enrelvamento das entrelinhas e não fazemos gradagens, só mesmo em último caso. Nas zonas em que o solo é muito pobre e suscetível à erosão, como na charneca, usamos misturas de trevos e leguminosas para melhorarmos o solo. Mas, no geral, promovemos o crescimento



A Quinta da Alorna foi a segunda empresa da região do Tejo a ser reconhecida com o Referencial Nacional de Certificação de Sustentabilidade do Setor Vitivinícola

da vegetação espontânea nas entrelinhas, uma vez que se essa vegetação já está bem adaptada às condições de solo existentes e é de fácil manutenção. Só temos de fazer sucessivas passagens ao longo da Primavera com o corta-mato para controlarmos as infestantes. No caso dos vinhos, fomos a segunda empresa da região do Tejo a ser reconhecida com o Referencial Nacional de Certificação de Sustentabilidade do Setor Vitivinícola, uma certificação da APCER. Estas certificações são muito valorizadas por alguns mercados de exportação e fazemos questão de divulgar as práticas mais amigas do ambiente que adotamos na Quinta da Alorna.

E que ferramentas de agricultura de precisão utilizam na exploração?

A Quinta da Alorna tem equipamentos de agricultura de precisão desde 2015, sejam tratores com GPS ou equipamentos de adubação em que, graças à tecnologia, sabemos exatamente grama a grama a quantidade de fertilizantes que aplicamos. Em 2015 adotamos também a medida do uso eficiente da água e, nesse sentido, instalámos sondas de leitura de humidade de solo, e temos também uma estação meteorológica que nos fornece a taxa de evapotranspiração exata da quinta. Na rega gota a gota investimos em caudalímetros para controlar e monitorizar as dotações de rega e assim conseguirmos uma gestão de rega mais eficiente.

Quais são os maiores desafios que o setor agrícola enfrenta atualmente?

Nós estamos a trabalhar com uma instabilidade enorme do ponto de vista climático, mas além disso o contexto internacional que vivemos está a criar um clima de grande incerteza nos mercados. Nós tivemos há pouco tempo uma formação sobre commodities e o mercado de futuros e sabemos, claro, que os cereais são muito sensíveis à instabilidade política. Esta questão preocupa-me imenso. Não é só saber a que preços vou vender os meus produtos, como também a que preços vou comprar os fatores de produção, principalmente, a energia e os fertilizantes. Neste momento, não sabemos como vai ser o dia de amanhã nem como os mercados se vão comportar dentro de alguns meses quando estivermos a fazer as nossas colheitas.

E neste contexto internacional de incerteza, como encara o acordo firmado entre a UE e o Mercosul?

O acordo UE-Mercosul é uma oportunidade, mas não é imediata, porque vai levar algum tempo até as novas linhas de negócio se estabilizarem. Claro que para o setor do vinho pode ser muito importante e

“O sistema Valorfito funciona bastante bem”

também para o azeite, um produto que a Quinta da Alorna não tem no seu portfolio. Já no caso dos cereais, passamos a ter mais um concorrente para além da Ucrânia. Como é natural estes acordos trazem sempre ganhos e perdas.

Como avalia o sistema Valorfito?

Penso que o sistema Valorfito funciona bastante bem. Por vezes os nossos fornecedores de produtos fitofármacos a quem entregamos as embalagens vazias têm alguns problemas de logística porque os armazéns estão cheios, mas em pouco tempo esse problema está resolvido. E soube há pouco tempo que no caso de grandes explorações agrícolas como a nossa é possível agendar a recolha direta com a SINGERU, o que é muito vantajoso. Acho também muito positivo o facto de desde o início do ano o sistema Valorfito estar também a recolher embalagens vazias de fertilizantes e de batata de semente. A Quinta da Alorna gera um volume brutal de embalagens vazias, de big bags de fertilizantes e de matéria orgânica peletizada, por exemplo. E mesmo tendo instalações grandes temos alguma dificuldade para acondicionar essas embalagens, nem quero imaginar as dificuldades dos agricultores mais pequenos e com maiores limitações de espaço.

Numa escala de 1 a 10, como avalia a Quinta da Alorna como Agricultor Reciclador?

Avalio entre um 7 e 8, porque há muito caminho a fazer. Estamos muito focados em que a Quinta da Alorna consiga manter os seus solos com capacidade regeneradora e sem comprometer o futuro. O nosso objetivo é tentarmos criar melhores condições para quem vier depois de nós e penso que estamos a conseguir.



Vinha na charneca com trevos e serradelas na entrelinha para reduzir a erosão e melhorar a fertilidade do solo.

Alorna recebe campos demonstrativos da Agroglobal

A Quinta da Alorna celebrou um protocolo com a Agroglobal para que as demonstrações das culturas anuais possam ser feitas nos campos da Alorna.

Pedro Mascarenhas, Diretor Agrícola da Quinta da Alorna, afirma a propósito: “*Estamos muito entusiasmados. Fomos desafiados pela Agroglobal a participar nos campos de demonstração de culturas e não podíamos dizer que não*” e garante que “*A Quinta da Alorna tem ótimas condições de logística, acessibilidades muito boas e estamos muito perto de Santarém e da Agroglobal. Esperamos estar à altura da aposta que a organização da feira fez na Quinta da Alorna*”

AUTOAVALIAÇÃO AGRICULTOR RECICLADOR



DISTRIBUIDOR RECICLADOR

“A recolha de embalagens de fertilizantes, batata semente e rações vai ser um sucesso”



A Pelarigo conta com 5 lojas e 50 colaboradores, é uma empresa de referência no apoio à agricultura no Ribatejo. Quirina Amaro, técnica comercial da Pelarigo e responsável pelo armazém de produtos fitofarmacêuticos, fala do crescimento da empresa e da mais-valia de ser Ponto de Retoma Valorfito.



Equipa técnico-comercial da Pelarigo, Lda. Quirina Amaro, responsável pelo armazém de produtos fitofarmacêuticos, e Bruno Pelarigo, CEO da empresa, ao centro.

A Pelarigo comemora 25 anos em 2025. Quais foram os momentos mais marcantes na história da empresa?

A Pelarigo começou por ser uma empresa que só comercializava batata de semente. Em 2000, com a entrada de Bruno Pelarigo na administração da empresa, passamos a dedicar-nos à venda de fatores de produção, desde fitofármacos, a fertilizantes, sementes e rações. Este foi o momento de viragem da Pelarigo. Mais recentemente, em 2021, a empresa alargou a sua oferta e começou a comercializar máquinas agrícolas da marca Kubota e criou para esse fim a empresa Pelarigo Máquinas. Foi outro momento marcante da nossa história. E mais recentemente, em 2023, tornamo-nos distribuidores das marcas GRIMME e ASALIFT, líderes de equipamentos para o cultivo de hortícolas como a batata, a cenoura e a cebola.

Como está distribuída a atividade da Pelarigo? E quais são as culturas mais relevantes para o negócio da empresa?

Hoje, contamos com 5 lojas no Ribatejo: Foros de Salvaterra, Salvaterra de Magos, Almeirim, Azinhaga e Valada do Ribatejo, e cerca de 50 funcionários. É na sede da empresa, em Foros de Salvaterra, que está instalada a Pelarigo Máquinas, a oficina e a equipa de assistência aos agricultores. A nossa área de atuação é, sem dúvida, o Ribatejo e trabalhamos com um grande leque de culturas, desde o tomate para indústria, que representa para o nosso negócio cerca de 10.000 a 12.000 hectares, ao arroz, que significa mais 8000 a 9000 hectares e o milho. Trabalhamos também com outras culturas hortointindustriais, como a batata, a cenoura, a ervilha e a couve brócolo. Por fim, temos ainda as culturas permanentes, como o olival, o amendoal e o nogueiral.

Hoje a atividade agrícola exige mais conhecimento para ser mais produtiva e gerar menos impacto no ambiente. De que forma contribui a Pelarigo para a adoção de boas práticas agrícolas?

A nossa equipa técnica é composta por 11 pessoas, sendo que 8 prestam assistência técnica diariamente no campo, e neste sentido procuramos estar sempre muito próximos dos agricultores. A adoção de boas práticas agrícolas é benéfica para todos: produtores, ambiente e consumidores. Em termos práticos, tentamos esclarecer os agricultores e aconselhá-los para conseguirem atingir a melhor produção possível, tendo sempre em consideração o estado fenológico da cultura e as condições edafoclimáticas. Estamos tão empenhados nesta missão que instalámos quatro estações meteorológicas, em Salvaterra de Magos, Valada do Ribatejo, Almeirim e Azinhaga (Golegã), para termos acesso às condições meteorológicas específicas aqui da nossa região e, em função dessas condições, adequarmos o nosso trabalho e prestarmos informações cada vez mais precisas aos nossos agricultores. Por exemplo, não adianta recomendar a um agricultor para ir hoje aplicar um determinado tratamento se sei que vai chover naquela localidade 20 milímetros, correndo-se, deste modo, um risco enorme de lixiviação.

Atualmente, o aconselhamento técnico também beneficia muito da tecnologia?

Sem dúvida. A tecnologia atualmente é um grande aliado da assistência e aconselhamento técnico. A utilização de produtos fitofármacos é uma realidade incontornável, mas podemos utilizá-los da melhor forma possível. O nosso objetivo é conseguirmos tirar a melhor eficácia e rentabilidade da aplicação de um produto. É neste contexto que a tecnologia nos ajuda a tomar a melhor decisão.

Ser ponto de retoma do sistema Valorfito é uma mais-valia para a Pelarigo?

Claro que sim. É um serviço que nós prestamos aos nossos agricultores e uma forma de os ajudar a resolver o problema das embalagens vazias de produtos fitofármacos. Antigamente não havia solução para tratar estes resíduos inerentes à atividade agrícola, mas hoje temos uma solução eficaz para reduzir o impacto que esses resíduos têm no meio ambiente. A Pelarigo tem a missão de ajudar os agricultores e, nesta questão da recolha das embalagens vazias, sempre divulgámos a iniciativa junto dos agricultores e servimos de intermediário com o sistema Valorfito.

Desde o início do ano, o sistema Valorfito recolhe também embalagens vazias de fertilizantes, de batata semente e de rações. Como vê este alargamento da licença do Valorfito?

É uma excelente notícia. Já começamos a divulgar este novo serviço do sistema Valorfito junto dos nossos agricultores e até já recebemos as primeiras embalagens. Era um problema que os agricultores e a Pelarigo já tinham identificado, mas para o qual até agora não havia solução. Apesar de os *big bags* de fertilizantes, por exemplo, serem de plástico e não incorporarem resíduos perigosos, falamos de grande quantidade de embalagens para os quais os ecopontos não tinham capacidade de resposta. Atualmente os agricultores estão muito mais despertos para a sustentabilidade ambiental e faz

sentido que assim seja, porque se não preservarem os solos e o meio ambiente, no futuro não terão como produzir. A recolha de embalagens de fertilizantes, batata semente e rações vai ser um sucesso.

Mas, entretanto, há o reverso da medalha. Os distribuidores de fatores de produção como a Pelarigo precisam de muito mais espaço para armazenar estas embalagens. Estou em crer que vamos triplicar ou quadruplicar a quantidade de embalagens que recebemos. Se, por um lado, é muito positivo, também significa, por outro, trabalho extra armazenar as embalagens e carregar posteriormente os camiões aquando da recolha do Valorfito.

E qual seria solução para contornar esse constrangimento?

A sugestão que já foi dada e discutida em algumas reuniões com o Valorfito e que, ao que tudo indica vai avançar, é a agilização da recolha direta nos grandes agricultores. Aqui no Ribatejo há empresas agrícolas de grande dimensão que geram uma quantidade enorme de embalagens. Nestes casos, é fácil os agricultores agruparem as embalagens, acondicioná-las devidamente nas suas instalações e depois o Valorfito ir recolher às explorações. Além disso, poupa-se o trabalho dos agricultores virem trazer as embalagens às lojas, simplificando-se o procedimento para todos: os agricultores, os comerciantes de fatores de produção e o Valorfito. Convém realçar, no entanto, que todo o trabalho de preparação das guias de entrega das embalagens vazias continua a ser feito pelos comerciantes destes produtos.

“Estou em crer que vamos triplicar ou quadruplicar a quantidade de embalagens que recebemos”

Tem mais alguma sugestão que gostasse de ver acolhida pelo Valorfito?

Uma situação que ainda se coloca prende-se com a ausência de solução para as fitas de rega utilizadas em culturas como

o tomate e o pimento. Penso que seria o fechar de um ciclo se o sistema Valorfito conseguisse incluir as fitas de rega e demais plásticos da agricultura nas suas recolhas. Estamos perante grandes quantidades de resíduos e de difícil gestão.

“Era o fechar de um ciclo se o sistema Valorfito conseguisse incluir as fitas de rega nas suas recolhas”

8 219 Kg

de embalagens vazias entregues no Sistema Valorfito em 2024

2006

ano de adesão como Ponto de Retoma Valorfito



Novo balcão de venda de produtos fitofarmacêuticos em Salvaterra de Magos com os Operadores de Venda de PFs Francisco Viegas e Pedro Raposo.

Entregue as embalagens vazias

de produtos fitofarmacêuticos, biocidas,
sementes, fertilizantes, rações e batata
de semente num ponto de retoma Valorfito.

Faça como a Família Prudêncio®



Informe-se em www.valorfito.com
ou num Ponto de Retoma Valorfito.

SIGERU . Sistema Integrado de Gestão de Embalagens
e Resíduos em Agricultura, Lda.

R. General Ferreira Martins, nº 10 - 6º A . 1495-137 Algés
T. +351 214 107 209 // contacto.valorfito@sigeru.pt